
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E PRÁTICA PEDAGÓGICA: ATUAÇÃO EM CONTEXTO ESCOLAR

Marli Lucia Tonatto Zibetti¹

Edcarlos Alfaia Galeno Barbosa²

Janaína Gianne Araújo de Medeiros³

Resumo

O contexto escolar é um espaço importante para a atuação dos psicólogos e cada vez mais vem demandando atuação crítica e contextualizada desses profissionais. O presente artigo apresenta e discute alguns aspectos relacionados com a experiência vivida por estudantes durante a realização de atividades docentes relacionadas à prática de ensino do curso de Licenciatura em Psicologia em uma escola pública do município de Porto Velho-RO. A referida prática consistiu na realização de minicurso, com quatro horas de duração, distribuídas em dois encontros. Para conhecimento da realidade escolar e levantamento dos interesses dos adolescentes foram realizadas observações participantes, entrevistas informais e registros em caderno de campo, bem como levantamento das temáticas de interesse para o trabalho. O minicurso, objeto deste relato, abordou questões relativas à orientação profissional e utilizou várias atividades que ampliaram os conhecimentos dos jovens sobre os cursos de ensino técnico, tecnológico, bacharelados e licenciaturas, bem como as oportunidades de carreira a partir da formação, além das implicações objetivas e subjetivas envolvidas na escolha profissional. Foi possível constatar a falta de um trabalho sistematizado sobre orientação profissional no espaço escolar, a necessidade de momentos e espaços destinados à discussão e reflexão sobre a construção de um projeto de vida com os adolescentes. A prática pedagógica com esse público, evidenciou a importância do diálogo como possibilidade de expressão das dúvidas e preocupações que se apresentam nesse momento do processo de desenvolvimento desses jovens, bem como da necessidade de acesso a informações relevantes sobre continuidade dos estudos e elementos a serem considerados na escolha profissional. Para os ministrantes a experiência proporcionou novas e valiosas aprendizagens sobre os desafios do trabalho como professores de psicologia ou psicólogos escolares, especialmente com o público adolescente.

Palavras-chave: Docência; Adolescentes; Orientação profissional; Psicologia escolar.

¹Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Professora da graduação e do Mestrado em Psicologia na Universidade Federal de Rondônia. Líder do Grupo Amazônico de estudos e pesquisas em Psicologia e Educação (GAEPPE), vice-líder do grupo Psicologia Escolar e Educacional: processos de escolarização e atividade profissional em uma perspectiva crítica do IP/USP e filiada à ABRAPEE. E-mail: marlizibetti@unir.br

²Estudante do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Rondônia. Membro do Núcleo Rondônia da Associação Brasileira de Psicologia Social. E-mail: edcarlos-alfaia01@hotmail.com

³Estudante do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Rondônia. E-mail: janaina2medeiros@outlook.com

Professional guidance and pedagogical practice: action at the school context

Abstract

The school context is an important space for the performance of psychologists and increasingly demand a critical and contextualized practice of these professionals. This article presents and discusses some aspects about to the experience lived by students during the activities related to the teaching practices of the Degree in Psychology in a public school in the city of Porto Velho-RO. The said practice consisted in carrying out a mini-course with four hours distributed in two meetings. In order to know the school reality and the adolescents' interests, participant observations, informal interviews and records in the field book, as well as a survey of the topics of interest to the work were carried out. The mini-course, which was the subject of this report, addressed questions related to the professional guidance and used various activities that expanded the young people's knowledge about technical and technological courses, bachelor's degree, licentiate's degree, as well as career opportunities from training, beyond the objective and subjective implications involved in career choice. It was possible to verify the lack of a systematized work on professional orientation at school, the need for moments and spaces destined to the discussion and reflection about the construction of a project life with the adolescents. The pedagogical practice with this group showed the importance of dialogue as a possibility to express the doubts and concerns present at this moment of development for these young people, as well as the need for access to relevant information on continuity of studies and elements to be considered in professional choice. For the students, the experience has provided new and valuable learning on the challenges of working as psychology teachers or school psychologists, especially with adolescent public.

Keywords: Teaching; Adolescents; Professional Guidance; School Psychology.

INTRODUÇÃO

O ato de escolher inclui também o ato de excluir outras possibilidades, ou seja, “abrir mão” de outras oportunidades. Nesse sentido, toda decisão envolve diversas dificuldades, pois implica em escolhas, as quais farão parte da trajetória de muitas vidas. O grau de dificuldade de uma escolha aumenta conforme a variedade de opções e, no caso da escolha profissional, existem inúmeras áreas possíveis para o jovem considerar. Partindo dessa premissa, considera-se que o jovem frente ao fato de ter que decidir sobre um dos possíveis rumos de sua vida, pode vir a sentir-se tensionado, emocionalmente fragilizado e inseguro sobre qual área seguir.

A partir disso, a orientação profissional se revela de extrema importância aos estudantes de ensino médio, para que estes tenham acesso a mais informações sobre os cursos superiores existentes e maior compreensão do processo de escolha de uma profissão. A escolha profissional manifesta uma série de interferências que em muitos momentos o sujeito que escolhe não está consciente delas, como as diversas tensões advindas das influências nas quais o indivíduo está envolto, por exemplo, questões de ordem econômica, emocional, cultural, familiar, educacional, política, social e outras (GONZAGA; LIPP, 2015). Dessa forma, a

orientação profissional se justifica pelo fato de dialogar com estas tensões no momento em que o jovem/adolescente tem que escolher uma profissão, se deseja ou não cursar o ensino superior e sobre suas perspectivas para o futuro.

A Orientação Profissional pode ser definida a partir da perspectiva psicológica como a ajuda prestada a uma pessoa visando solucionar suas dúvidas, angústias e outros problemas relativos à construção da carreira profissional e/ou pessoal, tomando como fatores relevantes as características sociopsicológicas da pessoa e as oportunidades de ingressar no mercado de trabalho e/ou no ensino superior. É verificada certa ausência da prática de Orientação Profissional no contexto escolar brasileiro, especificamente nas instituições públicas de ensino. Dessa forma, como o acesso à universidade e ao mercado de trabalho não é amplamente democrático, principalmente para camadas da sociedade vulnerável socioeconomicamente, há a necessidade de melhorar a ampliação da referida atuação no cenário educacional visando o conhecimento dos alunos acerca das disparidades/iniquidades e oportunidades/possibilidades para a construção efetiva de um projeto de vida pessoal e coletivo (SILVA; LASSANCE; SOARES, 2004).

O trabalho de orientação também se revela importante por dialogar com os interesses profissionais dos adolescentes, contribuindo para escolhas mais conscientes e, a partir disso, contribuir para a diminuição dos números de evasão no ensino superior, considerando que ao entrar na universidade o jovem terá um cabedal de informações sobre o curso escolhido e um valioso suporte pessoal de autoconhecimento. A partir de tal entendimento, Gonzaga e Lipp (2015, p. 11-12) consideram que:

Os estudos nesta área têm demonstrado que os interesses profissionais são um dos aspectos importantes na trajetória profissional do adolescente e a necessidade de se estudar os processos decisórios e a tipologia profissional são essenciais para a investigação e o mapeamento dos processos de inserção, desempenho, permanência nos cursos e prevenção da evasão no ensino superior.

O objetivo deste relato de experiência é descrever e analisar alguns aspectos vivenciados na execução das atividades pedagógicas desenvolvidas numa escola pública do município de Porto Velho, durante a realização da prática de ensino do curso de licenciatura em Psicologia. As atividades ocorreram entre o segundo semestre de 2015 e o primeiro semestre de 2016, e consistiram em observações participantes, entrevistas informais, registros em caderno de campo, preparação e execução de minicurso com o tema “Orientação profissional com estudantes do ensino médio”.

A escola onde as atividades foram desenvolvidas é da rede pública estadual, oferece o ensino fundamental, médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), funcionando nos três

períodos. A instituição fica localizada na zona sul da cidade de Porto Velho, sendo considerada uma das principais escolas públicas dessa localidade, por conta do número de vagas ofertadas e sua localização central. O minicurso foi desenvolvido no período vespertino, somente com os alunos do ensino médio, por considerar este público como o que mais vivencia a fase de construção de um projeto de vida.

O relato de experiência foi dividido em quatro tópicos, no intuito de facilitar a compreensão dos leitores. O primeiro tópico se refere à metodologia, no qual descreveremos brevemente a nossa prática, informando os materiais utilizados, período de duração e como ocorreu a elaboração e desenvolvimento das atividades. O segundo tópico descreverá de forma um pouco mais detalhada sobre o planejamento do minicurso e os autores utilizados para embasamento teórico, bem como, fará a análise sobre como os alunos perceberam as reflexões levantadas durante o minicurso. O terceiro tópico tratará sobre os desafios encontrados durante a atuação em sala de aula, uma vez que esta foi nossa primeira experiência como docentes. No quarto tópico, construímos as considerações finais possíveis neste momento do nosso processo de aprendizagem.

METODOLOGIA

As atividades que descreveremos a seguir fizeram parte das disciplinas de Prática de Ensino I e II, do curso de Psicologia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). No segundo semestre de 2015, por meio do consentimento da direção da escola, foi permitida a realização dos minicursos. Inicialmente, os acadêmicos realizaram uma visita à escola, para que pudessem acompanhar, em duplas, as aulas. A partir da observação participante e das conversas informais com os alunos e com os demais atores escolares, perguntou-se quais temáticas eles consideravam importantes para desenvolvermos em formato de minicurso. As respostas consistiram em torno das seguintes temáticas: sexualidade e medidas de prevenção, diversidade sexual e de gênero, drogas, riscos no uso da internet, os adolescentes e os padrões estéticos, preconceito e suas manifestações, bullying, formas de acesso ao ensino superior e orientação profissional.

A partir dessas sugestões, todas as temáticas citadas foram divididas entre as duplas formadas pelos acadêmicos do quinto período de Psicologia. Nós escolhemos a “Orientação profissional” como tema para o nosso minicurso. Compreendendo a importância de um planejamento para a realização do projeto e almejando contribuir com a formação dos estudantes, utilizamos referências diversas que direcionassem a prática metodológica, pois:

No momento em que se fala de técnicas de ensino e de sugestões metodológicas é importante ter clareza sobre que força intrínseca a educação escolar pode exercer, em que condições históricas e sob que formas históricas pode contribuir, sem ilusão e sem abdicação, para a formação de uma sociedade capaz de intervir em sua própria história. (CASTANHO, 2000, p. 92-93).

No primeiro semestre de 2016 foi feito o planejamento e a execução do minicurso. Este foi realizado em dois dias, com duas horas cada, totalizando quatro horas.

O PLANEJAMENTO COMO RECURSO IMPORTANTE PARA O DESENVOLVIMENTO E EXECUÇÃO DO MINICURSO

O ato de planejar faz parte da história do ser humano, planejamos as atividades a serem executadas no nosso dia-a-dia, como as atividades de casa, do trabalho, da universidade e assim por diante, mas nem sempre essas atividades diárias necessitam de um planejamento rigoroso, pois elas fazem parte da nossa rotina. Outros planejamentos são mais complexos por se caracterizarem como de longa duração, alguns exemplos são os planejamentos que idealizamos para a nossa vida, como o casamento, formação acadêmica, filhos, casa própria e outros. Partindo dessa breve explanação, o planejamento também se apresenta como um fator primordial para a prática educativa, pois a partir dele é possível prever ações que são necessárias para a sistematização da prática docente.

O planejamento foi utilizado e teve grande importância para o desenvolvimento e execução do minicurso, pelo fato de nortear as nossas ações e os nossos interesses com a realização de tal atividade. Através desse instrumento extremamente importante para a ação educativa, foi possível organizar as atividades em torno da seguinte questão: que tipo de cidadão desejamos formar ou que tipo de consciência desejamos despertar nos adolescentes a partir da nossa ação pedagógica? Portanto, o que estava claro no nosso planejamento era o fato de que estávamos utilizando-o como um ato político-social, político-filosófico, técnico e científico. Nessa mesma perspectiva, Castro, Tucunduva e Arns (2008, p. 56-57) afirmam que “Os professores precisam quebrar o paradigma de que o planejamento é um ato simplesmente técnico e passar a se questionarem sobre o tipo de cidadão que pretendem formar, analisando a sociedade na qual ele está inserido, bem como suas necessidades para se tornar atuante nesta sociedade.”

Seguindo essa perspectiva, foi planejado o que seria trabalhado especificamente nos dois dias de minicurso, sendo que no primeiro dia ficou estabelecido que trabalharíamos

conteúdos mais técnicos no sentido de fornecer para os alunos as informações que considerávamos fundamentais para a compreensão da temática como um todo. A partir disso, no primeiro dia, trabalhamos com informações sobre as características das áreas do conhecimento e das profissões (atuação no mercado de trabalho, salários, profissões em ascensão). Também problematizamos o fato das escolhas dos jovens comumente estarem voltadas para as profissões valorizadas socialmente, que seriam aquelas que acarretam maior status social para o sujeito em decorrência do salário.

Com base nisso, a prática do primeiro dia consistiu especificamente em uma apresentação da proposta do minicurso, apresentação dos alunos, exposição do painel das profissões e explicação objetiva sobre a divisão das áreas do conhecimento. Em seguida, realizou-se uma explicação sobre as características gerais de cursos ofertados pelas Instituições de Ensino Superior (IES) no Estado de Rondônia, com foco na cidade de Porto Velho e a quais áreas do conhecimento estes pertenciam. Ao final, realizamos uma atividade utilizando o painel das áreas do conhecimento, a fim de observar a aprendizagem dos estudantes, recapitular as informações discutidas e fizemos breves comentários sobre o que seria trabalhado no segundo dia de minicurso.

Este painel foi montado com a participação dos estudantes, uma vez que distribuímos tiras de papel com os nomes dos cursos e eles deveriam indicar a qual área do conhecimento o curso pertencia, colando as tiras nos locais adequados. Ao final construímos um grande painel que possibilitou aos estudantes uma visão geral das áreas de formação, indicando as afinidades e distanciamentos entre as profissões.

Esse trabalho objetivou mostrar aos estudantes a diversidade de opções existentes e, ao mesmo tempo, as possibilidades de formação em áreas afins, possibilitando a identificação de áreas de interesse que, posteriormente podem afunilar para escolhas de cursos de formação.

Durante a realização da atividade, fomos observando os diálogos, as dúvidas e as escolhas que os estudantes estavam fazendo, esclarecendo e ampliando os conhecimentos que possuíam sobre o assunto.

Esta prática de observar os educandos é fundamental à docência, pois:

Para observar é necessário ter perguntas e duvidar de suas respostas, que deverão ser comprovadas ou negadas pela observação. Em outras palavras, o(a) professor(a) precisa saber o que vai observar para poder direcionar o seu olhar para o que deve ser visto. Só assim, a observação se constitui como sua ferramenta de trabalho (COSTA; BARRETO, 2006, p. 6).

Dessa forma, a observação não deve ser vazia de significado, mas envolta de criticidade para analisar se o educador está realmente cumprindo com o seu papel no processo de

aprendizagem dos estudantes. É preciso estar atento às perguntas realizadas pelos alunos e compreender as maiores dificuldades deles, pois assim é possível intervir na educação e buscar caminhos mais adequados ao ensino.

No segundo encontro que ocorreu no dia seguinte, a prática esteve voltada a trabalhar principalmente a criticidade dos educandos. Por isso, foi utilizado o projetor multimídia para expor os conteúdos e, posteriormente, um texto para reflexão e discussão, através de perguntas direcionadoras. O foco era demonstrar os fatores diversos que influenciam e condicionam a escolha (ou mesmo a ausência de escolha) de uma profissão, além da possibilidade de romper com as barreiras existentes, haja vista que, conforme Freire (1996, p. 23) “[...] mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam”.

Neste segundo dia, os conteúdos trabalhados foram os meios de acesso ao ensino superior, o sistema de ações afirmativas e a reflexão acerca das tensões e influências existentes durante a escolha profissional e no processo de construção de um projeto de vida. Posto isso, consideramos que trabalhamos muito além dos conhecimentos técnicos, pois também abordamos questões que proporcionaram uma reflexão mais ampla sobre a atuação desse jovem na sociedade e sobre como esta interfere nas concepções e escolhas dele.

Ao final, foram realizadas as avaliações do minicurso pelos estudantes, agradecimentos e registros de campo pelos acadêmicos. O que os alunos mais destacaram foi que o minicurso foi extremamente significativo pelo fato de ter levado informações que eles desconheciam e que consideravam muito importantes sobre o acesso ao ensino superior, sobre as profissões e as áreas de conhecimento. Outro ponto também citado durante a avaliação consistiu de que eles puderam ter mais clareza sobre as subjetividades e a construção dessas subjetividades no ato da escolha profissional, bem como, sobre as tensões existentes nesse momento e como os contextos social, político e econômico são extremamente influenciadores na escolha de uma profissão.

Após a avaliação, foi feito o registro, tendo em vista que esse é parte essencial do processo educativo, pois é com ele que se reflete sobre o que foi realizado na prática, o que foi bem trabalhado em aula e o que não foi, o que deveria ou não ter sido feito e o que pode ainda ser desenvolvido para melhorar a prática educativa. Para isso, o educador deve questionar a si mesmo:

[...] o que você descobriu ou aprendeu com seus alunos, durante o período relatado?; O que você fez e faria novamente? Por que?; O que você não fez, mas sentiu que deveria ter feito? Por que? O exercício de registrar foi me tornando capaz de perceber melhor a minha forma de trabalhar. À medida que me

compreendo, vou também compreendendo mais meus colegas de escola. (COSTA; BARRETO, 2006, p. 16).

Dessa forma, a atuação prática foi pautada não apenas em aulas expositivas sobre as diversas profissões existentes, mas em atividades que levassem os educandos a refletir criticamente sobre os fatores que interferem na escolha de uma profissão (família, amigos, escola, o sistema capitalista, a atual situação política, mercado de trabalho etc). Sendo assim, o minicurso esteve pautado também no respeito aos saberes dos estudantes, conforme questiona Freire (1996, p. 15):

Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso?

É importante considerar o papel da escola no sentido de possibilitar aos alunos os meios necessários para que estes busquem elaborar e realizar os seus projetos de vida. Cabe à escola e aos professores incluir, nas suas atividades, momentos de diálogo sobre os diversos elementos e as possibilidades que o jovem deve considerar na construção desse projeto bem como fornecer meios para que construa sua autonomia durante a tomada de decisões, na resolução de problemas e principalmente na capacidade de escolher seus próprios caminhos. Castro et al (2008, p. 58), afirmam que:

Partindo do princípio de que o professor deve ensinar os conteúdos e também formar o aluno para que ele se torne atuante na sociedade, ele deve organizar seu plano de aula de modo que o aluno possa perceber a importância do que está sendo ensinado, seja num contexto histórico, para o seu dia-a-dia ou para seu futuro. É claro que integrar estes dois aspectos, senso comum e consciência filosófica, nem sempre é tão fácil. Para que isso aconteça faz-se necessário muito empenho por parte do professor.

Destaca-se então o papel da escola e dos atores escolares como principais fomentadores para desconstrução da alienação cotidiana à qual os jovens estão impostos, alienação que inclusive permeia as próprias relações dentro do espaço escolar. As ações educativas e pedagógicas dos professores devem nortear-se além do conhecimento sobre o saber sistematizado, devem alcançar o saber crítico, autônomo e emancipatório dos jovens para que estes atuem na sociedade de forma independente e sem as amarras sociais que diariamente teimam em exercer sua devastadora influência sobre os corpos e mentes dos sujeitos:

Em outras palavras, quando a estrutura da vida cotidiana se hipertrofia, tornando-se a única forma de vida do indivíduo; quando sua vida se resume num conjunto de atividades voltadas essencialmente para a sua reprodução, para a reprodução de sua particularidade, apresentando, assim, modos rígidos de pensar, sentir e agir, isto é, determinando um modo de funcionamento psíquico (intelectual e afetivo) cristalizado, que não pode ser rompido mesmo nas situações que o exigem; nesses casos, estamos diante de um fenômeno de alienação. Trata-se, portanto, de uma estrutura social alienada, de um cotidiano alienado e, conseqüentemente, de um psiquismo cotidiano alienado. (ROSSLER, 2004, p. 110).

A partir da concepção de homem como sujeito histórico, cultural e social é possível que as ações educativas pautem-se na formação de jovens conscientes de que são produtos de um contexto pré-estabelecido, mas não determinado, e a partir disso estes estudantes podem se transformar em potenciais produtores e transformadores de um contexto presente e portanto superar os mecanismos de alienação cotidianos.

De acordo com as contribuições do psicólogo soviético Alexis Leontiev (1978) Rossler afirma que o psiquismo humano se desenvolve a partir da atividade social e histórica dos indivíduos, da apropriação da cultura material e simbólica construída e desenvolvida no decorrer da história da humanidade e mediada por um processo de interação com outros indivíduos. Diante disso:

A uma determinada estrutura objetiva da atividade do ser social corresponde, assim, uma dada estrutura subjetiva. Em outras palavras, a uma determinada realidade social, tanto material quanto simbólica, corresponde uma dada forma de consciência e personalidade. Desse modo, atividade, consciência e personalidade relacionam-se sempre dialeticamente. Leontiev diferencia atividade, ação e operação quando analisa a estrutura da atividade especificamente humana. Da mesma forma, ele diferencia sentido e significado ao analisar a estrutura da consciência humana. Em seus estudos, o referido autor deixa claro que o processo de constituição do psiquismo humano, pela apropriação dos bens culturais produzidos pela humanidade, consiste num processo mediado por outros indivíduos. Sendo assim, trata-se sempre e necessariamente de um processo educativo. (ROSSLER, 2004, p. 102).

A partir da nossa prática pedagógica dialogada e reflexiva, foi possível verificar a percepção que os alunos tiveram das questões trabalhadas durante o minicurso, principalmente no que se refere aos pontos discutidos no segundo dia de atividade, onde debatemos sobre as tensões e influências que fazem parte do processo da escolha profissional. Compreendemos, com a realização deste minicurso, que muitos dos estudantes já tinham em mente alguma profissão que gostariam de seguir e outros ainda não. Porém, mesmo aqueles que gostariam de seguir alguma carreira profissional, possuíam poucas informações sobre as formas de acesso ao ensino superior ou aos cursos técnicos e não estavam realmente cientes dos fatores diversos que influenciam nas escolhas e planejamento de um projeto de vida.

DESAFIOS DA ATUAÇÃO PRÁTICA

Por estarmos iniciando na prática da docência, alguns desafios surgiram antes e durante a realização do minicurso. Mesmo já tendo visitado a escola anteriormente, não sabíamos o quanto os estudantes sabiam a respeito do tema que iríamos trabalhar com eles. Devido a isso, foi necessário nos preparar para abordar questões desde as mais básicas, até alguns aspectos um pouco mais específicos sobre o tema de orientação profissional.

Durante o primeiro dia do minicurso, o desafio foi organizar o espaço, organizar o grupo, estabelecer um ambiente dialógico e conquistar o interesse e a participação de todos. O fato de nos apresentarmos também como estudantes e a disposição das cadeiras em semi-círculo contribuíram para proporcionar o diálogo entre os participantes.

Foi necessário também lidarmos com a rigidez institucional. Não foi simples adentrarmos na escola e algumas duplas passaram por uma observação mais rigorosa que a nossa, devido à preocupação da escola em relação à polêmica que alguns temas a serem discutidos poderiam causar. Apesar de orientação profissional não ser um tema considerado polêmico, fizemos aulas que abrangessem mais do que profissões, porque entendemos que:

Toda pedagogia está sempre engajada a uma concepção de sociedade política. É neste sentido que nesta concepção de educação este educador faz arte, ciência e política. Faz política quando alicerça seu fazer pedagógico a favor ou contra uma classe social determinada. Faz ciência quando apoiada no método de investigação científica estrutura sua ação pedagógica (WEFFORT, 1996, p. 5).

Assim, compreendemos o desafio de romper as barreiras sociais que dificultam a formação da criticidade e o desafio que é intervir no mundo. Verificamos a necessidade da realização de atividades que estimulassem o pensamento criativo, a reflexão e a autonomia dos estudantes, afinal:

É necessário que cada educador perceba que se estabelece, usando esta ou aquela técnica, uma relação de troca autêntica com seus alunos, permitindo-lhe o desenvolvimento da criatividade, a autonomia intelectual e emocional, a rebeldia. O mundo da cultura seria impensável se não fosse pelos atos de rebeldia daqueles que a construíram (ALVES 1986, p. 130 apud CASTANHO, 2000, p. 93).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos com a realização desta atividade prática de licenciatura que essa escola, assim como muitas outras do país, trabalha com a concepção de aluno depositário de informações, discutida por Paulo Freire (1996), na qual não se busca uma metodologia que considere a criticidade dos estudantes e nem a valorização do contexto do educando. Dessa forma, a educação tem sido feita apenas a partir do conhecimento dos docentes, enquanto tem-se deixado de lado o saber dos discentes.

Verificamos a rigidez institucional na prática, quando indagamos aos estudantes se a escola proporcionava a reflexão e a discussão desses temas e eles nos relataram que na escola não são comuns momentos assim. A cotidianidade engessada da instituição não abria espaço para o diálogo, para sentar em roda ou para debater qualquer assunto.

Percebemos também que os estudantes não eram estimulados pela escola para buscarem algum curso após o término do ensino médio, nem recebiam informações sobre formas de acesso ao ensino superior. Apesar disso, constatamos que boa parte deles tinha interesse em seguir uma carreira profissional e, muitos dos que não pensavam sobre isso, se interessaram em ter uma profissão após a realização do minicurso.

Neste sentido, fica evidenciado que a escola se revela como um espaço valioso para a realização de projetos e ações que privilegiem a Orientação Profissional com os estudantes, sendo que esta ação deve ocorrer e se organizar na interface da Psicologia com a Educação, revelando a educação como um fator primordial para a carreira e possibilitando o desenvolvimento crítico, profissional e pessoal dos jovens para que estes tenham possibilidades de se inserirem no mercado de trabalho e/ou na vida acadêmica de forma mais consciente (CARVALHO; ARAÚJO, 2010).

A prática pedagógica com os alunos do ensino médio proporcionou novas e valiosas experiências, oportunizando nosso crescimento intelectual, pessoal e profissional. Sendo assim, acreditamos ter sido de grande importância a realização desta atividade, pois permitiu-nos vivenciar a docência na prática, aprendendo e ensinando com os alunos, bem como, problematizando as concepções que os estudantes tinham de mundo. Estes puderam refletir conosco não apenas sobre qual profissão escolher, mas sobre a importância e a necessidade de construir e realizar um projeto de vida.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Tatiana Oliveira de; ARAUJO, Claisy Maria Marinho. Psicologia Escolar e Orientação Profissional: fortalecendo as convergências. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. Florianópolis. v. 11, n. 2, p. 219-228, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200007 Acesso em: 31 jan. 2017.

CASTANHO, Maria Eugênia de Lima e Montes. Da discussão e do debate nasce a rebeldia. In. VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.) **Técnicas de ensino: por que não?** 11. ed. Campinas: Papyrus, 2000. p. 89-101.

CASTRO, Patricia Aparecida Pereira Penkal de; TUCUNDUVA, Cristiane Costa; ARNS, Elaine Mandelli. A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente. **ATHENA Revista Científica de Educação**. Curitiba. v. 10, n. 10, p. 49-62, 2008. Disponível em: <http://nead.uesc.br/arquivos/Fisica/instrumentacao/artigo.pdf> Acesso em 20 jan. 2017.

COSTA, Elisabete; BARRETO, Vera. **Observação e registro**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno3.pdf>. Acesso em 07 de setembro de 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZAGA, Luiz Ricardo Vieira; LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. **O estresse da escolha profissional em estudantes**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

ROSSLER, João Henrique. O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller. **Cadernos Cedes**. Campinas. v. 24, n. 62, p. 100-116, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n62/20094.pdf> Acesso em: 31 jan. 2017.

SILVA, Lucy Leal Melo; LASSANCE, Maria Célia Pacheco; SOARES, Dulce Helena Penna. A Orientação Profissional no contexto da Educação e Trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. Florianópolis. v. 5, n. 2, p. 31-52, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902004000200005 Acesso em: 31 jan. 2017.

WEFFORT, Madalena Freire. A aventura de ensinar, criar e educar. In. **Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos** I. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996, p. 5-9.